

---

## **Passa o microfone, nós iremos contar nossas histórias: narrativas documentais e a voz ativa em comunidades invisibilizadas<sup>1</sup>**

Anna Carl LUCCHESI<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP e Centro Universitário Senac, São Paulo, SP

### **RESUMO**

As narrativas protagonizadas por sujeitos marginalizados podem servir como ferramenta na construção de conhecimento coletivo em momentos de crise. Ao enfrentar situações como a pandemia de COVID-19, problemas sociais já existentes apresentam-se como um dos principais desafios. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre o projeto audiovisual *Pass the mic: we will tell our stories* (2021) e seu processo de produção colaborativa como estratégia de resistência. Através de entrevistas qualitativas e tendo como base teórica os conceitos de *civic imagination*<sup>3</sup> e de *collective wisdom*<sup>4</sup>, a principal descoberta foi a importância de parcerias entre instituições na construção de uma rede de cooperação direcionada para a contínua ampliação dessas vozes.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; cidadania; estratégias colaborativas; produção de narrativas; conhecimento coletivo.

### **INTRODUÇÃO**

Entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023, realizei um intercâmbio nos Estados Unidos, a convite da Universidade de Miami e com apoio da Capes, através da bolsa de doutorado-sanduíche, para executar parte de uma pesquisa de campo com artistas locais sobre trabalhos realizados por eles durante o período de isolamento social decorrente da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGCom - FAAC - Unesp, professora do Curso de Graduação em Audiovisual do Centro Universitário Senac e bolsista Capes 88881.689978/2022-01 e 88887.932671/2024-00. E-mail: a.lucchese@unesp.br.

<sup>3</sup> Mais informações sobre o conceito de *civic imagination* desenvolvido por Henry Jenkins estão disponíveis no link: <https://www.civicimaginationproject.org>

<sup>4</sup> Mais informações sobre o conceito de *collective wisdom* desenvolvido pelo MIT Open Lab estão disponíveis no link: <https://wip.mitpress.mit.edu/collectivewisdom>

pandemia de COVID-19. O material coletado na cidade de Miami integra minha investigação de doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp).

Durante a investigação, escolhi o projeto *Pass the mic: we will tell our stories* (2021)<sup>5</sup> para realizar uma análise comparativa com *Curta em Casa* (2020)<sup>6</sup>, outra iniciativa na área do audiovisual, produzida na cidade de São Paulo, Brasil. Em comum, ambos apresentam narrativas de sujeitos marginalizados e abordam desafios enfrentados durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, em comunidades invisibilizadas, nessas duas cidades separadas por 6.562 quilômetros de distância.

Apresento, neste artigo, parte do trabalho realizado, com uma reflexão feita a partir de um dos três documentários produzidos pelo projeto *Pass the mic: we will tell our stories* (2021), em sua primeira edição, sendo ele: *Final Notice* (2021)<sup>7</sup>, de Vanessa Charlot, com Mychelle Bentley.

Durante a pesquisa, para entender melhor a narrativa documental, utilizei como referencial teórico os livros: *Cineastas e Imagens do Povo* (BERNADET, 2003), *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* (RAMOS, 2013) e *Cinema do Real* (MOURÃO e LABAKI, 2005) e para me aprofundar na aplicação dos conceitos de *civic imagination* e *collective wisdom*, contei com a leitura de uma publicação do *MIT Open Documentary Lab*<sup>8</sup> (CIZEK e URICCHIO, 2022) e dois livros desenvolvidos pelo grupo de pesquisa *Civic Paths*<sup>9</sup> (JENKINS, PETERS-LAZARO e SHRESTHOVA, 2020) e (PETERS-LAZARO e SHRESTHOVA, 2020).

A reflexão aqui exposta está organizada em três seções, além da introdução. A primeira explica o conceito de *voz ativa* e discorre sobre o processo de produção da narrativa documental em questão; a segunda, examina a importância de estratégias colaborativas e parcerias na produção do projeto; e, por último, a terceira parte reflete sobre as permanências do trabalho.

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre o projeto *Pass the mic: we will tell our stories* estão disponíveis neste link: <https://oolitearts.org/pass-the-mic>

<sup>6</sup> Mais informações sobre o projeto *Curta em casa* estão disponíveis neste link: <https://www.projeto-paradiso.org.br/projetos-especiais/curta-em-casa-3>

<sup>7</sup> O filme está disponível no seguinte link: <https://oolitearts.org/video/final-notice-vanessa-charlot>

<sup>8</sup> Mais informações sobre o laboratório estão disponíveis no link: <https://opendoclab.mit.edu>

<sup>9</sup> Mais informações sobre o grupo de pesquisa estão disponíveis no link: <https://civicpaths.uscannenberg.org>

## A VOZ ATIVA

Ao refletir sobre problemas sociais anteriores à pandemia e intensificados durante a crise sanitária tendo em vista o isolamento forçado, concentrei minha pesquisa em desafios do campo da comunicação, em especial, das relações mediadas por telas, em um contexto marcado por discursos de ódio, polarização, intolerância e desinformação. A leitura de *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age* (TURKLE, 2011), *Rupture: The Crisis of Liberal Democracy* (CASTELLS, 2019), *Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo* (BUTLER, 2021), *Ética e Pós-verdade* (DUNKER, TEZZA, FUKS, TIBURI e SAFATLE, 2017) e *Communicating COVID-19: Everyday Life, Digital Capitalism, and Conspiracy Theories in Pandemic Times* (FUNCHS, 2021) forneceram importante ferramental teórico para o entendimento desses desafios.

Delineei um conceito baseado em iniciativas que questionam a maneira como as histórias estão sendo contadas em um cotidiano midiático e, como alternativa, buscam pontes de diálogo, resistência e reflexão para fortalecer comunidades invisibilizadas através do protagonismo de sujeitos marginalizados.

Portanto, a *voz ativa* corresponde a um recorte específico na análise de narrativas e relações mediadas por telas. Entretanto, em algum momento, transita para o olho no olho, já que o contato digital se apresenta como um meio para o encontro do 'eu' com o 'outro' e, não, um fim. As relações entendidas aqui são entre realizador, retratado, obra e espectador. A escuta e a empatia são os primeiros passos para a ativação dessa voz. Ela compreende um trabalho colaborativo responsável pela produção e circulação de relatos documentais e de fabulação do tempo presente. Por essa razão, oferece uma realidade em aberto, questionadora e inventiva. Mais especificamente, apresenta um processo de resignificação da experiência e uma fonte de conhecimento histórico para o futuro. Assim, preserva a memória da resistência de alguns indivíduos e coletivos em situações desafiadoras, como as vividas durante a pandemia de COVID-19. Por fim, ela instiga pontes de diálogo e reflexão crítica com a sociedade como um todo, como uma ferramenta para o debate público de desafios contemporâneos em momentos de crise e para além deles.

---

Para realizar a análise das relações entre realizador, representado, obra e público, inspirei-me em pesquisadores que dialogam com essa concepção de voz. Jean-Claude Bernardet em seu livro *Cineastas e imagens do povo* (2003) analisa alguns documentários brasileiros dos anos 60 e 70, destacando as vozes presentes nesses filmes, a maneira como elas se relacionam e o efeito disso na construção das narrativas. Sua maneira de elaborar o diagnóstico dos trabalhos foi uma importante referência para a conceituação da *voz ativa* e para entender a sua presença de diferentes formas no processo de produção e circulação de *Pass the Mic: we will tell our stories* (2021).

Em sua primeira análise, por exemplo, ele faz uma reflexão crítica sobre o processo de produção de um filme que apresenta-se como um contraponto para a formulação do conceito de *voz ativa*. Ao refletir sobre *Viramundo* (1965), ele aponta que “Os entrevistados só falam quando perguntados. O entrevistador, que não aparece na tela, a não ser uma ou outra vez, de costas, em 'amorce', lhes faz perguntas sobre as suas condições de vida e de trabalho, e as respostas limitam-se ao perguntado.” (BERNARDET, p. 15) e complementa: “Eles são a voz da experiência. Falam só de suas vivências, nunca generalizam, nunca tiram conclusões.” (BERNARDET, p. 16), ele descreve uma relação passiva do retrato. Enquanto que, quem retrata determina a verdade, através da voz de um narrador que não se identifica. “A voz do locutor é diferente. É uma voz única, enquanto os entrevistados são muitos.” (BERNARDET, p. 16). Também compara o narrador com as outras vozes da narrativa:

Diferentemente dos entrevistados, nada lhe é perguntado, fala espontaneamente e nunca de si, mas dos outros, dos migrantes, não apenas dos entrevistados, mas dos migrantes em geral que vieram para São Paulo; os que vemos no filme constituem uma pequena parcela deles. O locutor não fala como eles. Eles falam de si na primeira pessoa, ele fala deles na terceira; enquanto os migrantes falam de suas situações particulares, ele fala deles no geral. (BERNARDET, p.16-17)

Durante a coleta de dados de *Pass the mic: we will tell our stories* (2021), feita através das entrevistas qualitativas, percebi a preocupação dos envolvidos no projeto em humanizar questões sociais contemporâneas através da construção de um outro tipo de relação entre realizador e personagens. Para alcançar esse objetivo, as narrativas agregaram a colaboração das pessoas retratadas na cocriação das obras.

A primeira mudança de paradigma colocada pelos idealizadores do trabalho foi a de nomear os indivíduos representados nos documentários como *especialistas da comunidade*<sup>10</sup> e não apenas personagens da história. Assim, eles deixaram de exercer uma atuação passiva, como um elemento usado pelo cineasta para falar sobre um determinado assunto, e passaram a assumir uma função ativa, como colaboradores.

Nesse processo, além de contarem os problemas enfrentados durante a pandemia, como o despejo, no caso de *Final Notice* (2021), os *especialistas da comunidade* apresentam informações sobre o conhecimento adquirido a respeito da situação vivida. Assim, a figura de um especialista acadêmico, um recurso frequentemente utilizado em documentários, é substituída por essas pessoas que aprenderam algo na prática. No filme, Mychelle Bentley descreve o aprendizado adquirido sobre a criação de uma associação de inquilinos<sup>11</sup> e como esse conhecimento foi importante para ela e para outras pessoas em sua comunidade:

Então, o que aconteceu foi que entrei no *Facebook* e comecei a pedir ajuda para pessoas de todos os lugares, todos os meus amigos, da Califórnia, da América do Sul, da Flórida. E eu disse: “Olha, estou passando por esse problema com meu locador. Preciso de ajuda. Não sei o que fazer. Nunca estive nessa situação antes.” E alguém entrou em contato comigo e disse: “Por que você não procura por uma associação de inquilinos e vê se há alguma no seu estado?” Então, procurei e, realmente, havia uma chamada *Miami Tenants Union*. Acho que eles não estão ativos no momento, mas, naquela época, estavam ajudando o máximo de pessoas que podiam durante a pandemia, porque a situação estava muito ruim. Por meio deles, entrei em contato com o *Community Justice Project* e eles me ajudaram a conseguir um advogado no *Legal Services* de Miami. E nos demos tão bem que nos comunicávamos quase todos os dias. E eles disseram: “Olha, nós temos esses projetos. Gostaríamos muito de conectar você a eles.” E é aí que entra a Nadege. E a Alana e a Denise. E eu disse: “Sim, estou dentro. E de qualquer maneira que pudermos ajudar, porque sei que isso beneficia vocês, mas também beneficia as pessoas que não sabem que vocês existem. Certo? E elas poderiam realmente usar esse recurso durante esse período.” E foi assim que acabamos nos encontrando com Vanessa. Ela entrou em contato com a Nadege, acho [...] A partir daí, nos reunimos aqui em minha casa e contamos nossa história, e eles continuaram a nos procurar, e fizemos um plano. E Vanessa é uma grande visionária. Ela tem muito bom gosto em sua fotografia e em sua narrativa. A maneira como ela conversa com outros ativistas e líderes locais, certo? E ela realmente nos uniu de tal forma que, como posso dizer, estamos muito orgulhosos do documentário. Eu não esperava que ele tivesse

<sup>10</sup> Tradução livre feita pela autora do termo *community experts*.

<sup>11</sup> Tradução livre feita pela autora do termo *tenants union*.

---

esse tipo de longevidade e tanta vida, mesmo depois de... dois anos? Acho que já faz quase dois anos. Oh, é ótimo. (BENTLEY, 2022)<sup>12</sup>

Houve também uma preocupação dos cineastas em criar meios para os *especialistas da comunidade* contarem suas histórias de uma forma mais livre. Vanessa Charlot, diretora do filme, optou por não fazer perguntas para Mychelle. Colocou a câmera para gravar e deixou a protagonista do documentário sozinha em uma sala, para que ela pudesse escolher os pontos a serem abordados, sem o direcionamento de uma entrevista, nem a presença de um olhar de aprovação ou discordância da cineasta.

Outra questão levantada pelos realizadores foi o perigo de reduzir as pessoas retratadas aos problemas enfrentados por elas. Por essa razão, *Final Notice* (2021), mostra outras camadas de Bentley, como seu trabalho artístico, sua relação de afeto com o companheiro e com animais de estimação, a preocupação em ajudar outras pessoas e sua luta por uma vida melhor. Essas informações humanizam a narrativa e trazem elementos que instigam a identificação do espectador com a protagonista, quebrando preconceitos.

Tanto Vanessa Charlot como Mychelle Bentley são filhas de imigrantes. A cineasta, entretanto, tem consciência de sua posição privilegiada como uma bem-sucedida fotógrafa, documentarista e acadêmica. Contudo, seu sucesso não corresponde à situação da maior parte das mulheres negras artistas de Miami. Por essa razão, ela fala sobre a importância de inspirar, através de seu trabalho, a curiosidade, a escuta e a reflexão crítica no espectador para fazê-lo questionar pré-julgamentos os quais podem trazer uma visão limitada sobre a realidade:

---

<sup>12</sup> Tradução livre feita pela autora do trecho: “So how it happened was, is I reached out to Facebook and I was asking people from everywhere, all my friends, you know, from California, from South America, you know, from Florida. And I was like, look, I’m going through this issue with my landlord. I need help. I don’t know what to do. I’ve never been in this position before. And somebody reached out and they said, hey, why don’t you check out, you know, the tenants union and see if there are any in your in your state. So I looked them up and sure enough, there was one called Miami Tenants Union. I don’t think they’re active at the moment, but during that time they were helping as many people as they could during the pandemic because it was really bad. And through them, they reached out to the Community Justice Project, and they helped me get a lawyer with Legal Services of Greater Miami. And we we hit it off so well that we were in communication almost every day. And they’re like: “Look, we have these projects. We would love to, you know, connect you with.” And that’s when Nadege comes in. And Alana and Denise. And I was like, yeah, just throw my way. And however way we can help because I know this benefits you guys, but it also benefits the people that don’t know that you guys even exist. Right? And they could really use this resource during this time. And then that’s how we ended up meeting up with Vanessa. She she reached she reached out with I think Nadege... sorry my cat. She is so adorable. And so from there, we, met up here at my house, and, we just told our story, and they kept coming over and over, and we we made a plan. And Vanessa’s quite the visionary. She has such beautiful taste in her photography and her storytelling. The way she talks to other, like, you know, activists and, you know, local leaders, right? And she really brought us together in such a way that, like I got to say, we’re really proud of the documentary. I didn’t expect it to to have this kind of longevity and so much life, even after, what, like two years now? It’s almost been two years, I think. Oh, it’s great.”

Então, em primeiro lugar, quando você pensa em privilégio, é algo muito fluido, certo? Portanto, quando olhamos para o cenário americano, podemos facilmente dizer que é um privilégio do homem branco. Quando você entra em outro espaço, pode dizer privilégio socioeconômico, certo? Então, ser uma artista, ser uma artista negra nessa época e ter tempo e espaço para produzir trabalhos, é um privilégio do qual estou ciente de que há muitas pessoas, não apenas negras, mas mulheres, que não conseguem produzir seu trabalho porque têm outras responsabilidades. É verdade. E, para mim, apenas honrar e respeitar isso... Outra coisa, também, é que, quando você tem esse tipo de consciência, é importante verificar seus preconceitos e suas ideias preconcebidas sobre alguém. Assim, muitas vezes, nos Estados Unidos, ouvimos uma história única e monolítica sobre o imigrante. Assim, o imigrante chega aqui. Talvez você veja o imigrante como faxineiro. Talvez o veja trabalhando no supermercado, mas não sabe que ele foi um profissional em seu país. Você não o conhece. Você não sabe. Assim, você tem essas ideias. E até que você tenha curiosidade sobre quem eles são, sobre a história de suas vidas, sobre o que os fez vir para cá, você não é capaz de realmente questionar: por que você pensa da maneira que pensa? Por que essa é a narrativa? E como você pode começar a dismantelar essa narrativa que se baseia em falsas realidades ou falsas verdades? (CHARLOT, 2022)<sup>13</sup>

A *voz ativa* de Charlot e Bentley presente neste trabalho propõe uma estratégia para lidar com um problema recorrente na estrutura social em que vivemos. Os despejos e a gentrificação - de forma mais sistemática - são desafios contemporâneos que continuarão a impactar diferentes comunidades, agravando-se em momentos de crise, como a pandemia. Narrativas como *Final Notice* (2021) fornecem subsídios para a construção de conhecimento coletivo direcionado ao fortalecimento da resistência de indivíduos marginalizados dentro dessa estrutura.

## **A PARCERIA ENTRE *OOLITE ARTS* E *COMMUNITY JUSTICE PROJECT***

---

<sup>13</sup> Tradução livre feita pela autora do seguinte trecho: “So, first of all, when you think about a privilege, it's a very fluid thing, right? So when you're looking at the American landscape, you can easily say white male privilege. When you enter another space, you can say socioeconomic privilege. Right. And so to be an artist, to be a black woman artist during this time and have the time and space to produce work, it is a privilege that I'm very aware of that there are many people, not just black people, but women that are unable to produce the work because they have other responsibilities. Right. And just honoring that and respecting that. The other thing, too, is that when you have that kind of awareness, it's important to check your biases and check your preconceived ideas that you have of someone. Right? So, oftentimes in America, you hear a very monolithic single story about the immigrant. And so the immigrant comes here. You may see the immigrant as a janitor. You may see them working at the grocery store, but you don't know that they were a professional in their country. You don't know them. You don't. And so you have these ideas. And until you're curious about who they are, about their life story, about what made them come here, you're not able to really question, why do you think the way that you think? Why is that the narrative? And how can you begin to dismantle this narrative that is based on false realities or false truths?”

---

*Pass the mic: we will tell our stories* (2021) é fruto de uma parceria entre duas instituições: *Oolite Arts*<sup>14</sup> (Centro de Artes que oferece residência, cursos e auxílio para artistas locais em Miami) e *Community Justice Project*<sup>15</sup> (Organização formada por advogados que proporcionam serviço legal para comunidades de baixa renda). A primeira foi responsável pela escolha dos cineastas para realizar os filmes e a segunda indicou as histórias e os *especialistas da comunidade*.

Segundo Nadege Green, do *Community Justice Project*, a iniciativa surgiu de alguns questionamentos:

Como podemos entrar nas camadas mais profundas dos problemas que estamos vendo através de uma perspectiva cinematográfica? Como contamos essa história por esse meio logo de início? Grande parte do trabalho que fazemos, todo o trabalho, devo dizer, que fazemos, é sair do caminho e apoiar nossa comunidade, apoiar as organizações locais. Por isso, eu queria reimaginar como seria contar histórias quando você sai do caminho. Queríamos criar uma colaboração em que os membros da comunidade, que participariam desses filmes, não fossem apenas sujeitos, mas fossem, na verdade, parceiros colaborativos no processo e tivessem voz ativa. Foi assim que essas narrativas da comunidade e essa colaboração fílmica surgiram. E assim, fizemos parcerias com especialistas da comunidade...<sup>16</sup> (GREEN, 2022)

Desde 2021, essa parceria tem produzido três documentários por ano, com um total de nove filmes finalizados em 2023. Uma temática recorrente é a questão do despejo e da gentrificação intensificada desde o começo da pandemia. Por diversas razões, o estado da Flórida, onde Miami está localizada, tem atraído, além de uma migração externa, uma grande quantidade de estadunidenses de outros locais do país.<sup>17</sup>

Em uma entrevista com um representante do *Oolite Arts*, essa questão foi apresentada como crucial na tomada de decisões da instituição. Durante anos, as residências oferecidas aos artistas locais tinham um custo. Essa cobrança foi retirada. Mais recentemente, decidiram destinar verba para custear a moradia dessas pessoas, já

---

<sup>14</sup> Mais informações sobre Oolite Arts estão disponíveis em: <https://oolitearts.org>

<sup>15</sup> Mais informações sobre Community Justice Project estão disponíveis em: <http://communityjusticeproject.com>

<sup>16</sup> Tradução livre feita pela autora do seguinte trecho: “How do we get into the deeper layers, the issues that we're seeing. From a film perspective. Right. How do we tell that story through these, these mediums and early on? You know, again, part a big part of the work that we do, all of the work, I should say that we do is about getting out of the way and supporting our community, supporting the grassroots organizers on the ground. And so I wanted to reimagine what it was like to tell stories when you get out the way. And so we wanted to create a collaboration where the community members who would be a part of these films were not solely subjects, but were actually collaborative partners in the process and had a say. And so that is how this community storytelling, Film Collaborative came to be, where we partner community experts.”

<sup>17</sup> Este artigo investiga razões por trás da crescente migração de pessoas para o estado da Flórida: <https://www.vox.com/cities-and-urbanism/23853800/florida-population-growth-newcomers-migration>



que, segundo eles, a questão do alto valor da habitação tornou-se uma das principais crises enfrentadas por moradores da cidade. Dessa forma, as reflexões instigadas pela narrativa de *Final Notice* (2021) também estão presentes nessa reelaboração da relação entre a organização e a comunidade artística atendida por ela.

*Pass the mic: we will tell our stories* (2021) foi criado no início da pandemia com o objetivo de contar as histórias de sujeitos que tornaram-se agentes em suas comunidades ao vivenciar situações desafiadoras. A emergência da crise sanitária passou, mas os problemas locais não. Por essa razão, as narrativas seguem sendo importantes para a produção de saberes e para articulação conjunta de comunidades invisibilizadas em ações de cidadania e na reivindicação de direitos. A continuidade da parceria entre *Oolite Arts* e *Community Justice Project* tem contribuído para o fortalecimento dessa articulação.

Ao entrar em contato com o trabalho realizado pelo grupo de pesquisa *Civic Paths* da *University of Southern California* e o conceito de *civic imagination*, pude entender melhor a importância do relato dessas vozes marginalizadas que reelaboram o tempo presente, com saberes construídos através da troca de experiências reais e imaginadas e com o desejo de construir um futuro melhor.

Definimos *civic imagination* como a capacidade de imaginar alternativas para as condições culturais, sociais, políticas ou econômicas atuais; não se pode mudar o mundo sem imaginar como seria um mundo melhor. Além disso, a *civic imagination* requer e é realizada por meio da capacidade de imaginar o processo de mudança, de se ver como um agente cívico capaz de fazer mudanças, de se solidarizar com outras pessoas cujas perspectivas e experiências são diferentes das suas, de se juntar a um coletivo maior com interesses compartilhados e de trazer dimensões imaginativas para espaços e lugares do mundo real. (JENKINS, PETERS-LAZARO E SHRESTHOVA, 2020, p. 5)

Ao pensar no coletivo, a ideia de *collective wisdom*, explorada pelo *MIT Open Documentary Lab*, também reforça a importância da colaboração de diferentes agentes nesse processo de criar histórias, fortalecendo redes de cooperação.

Em tempos de grande circulação de desinformação e notícias falsas, acrescidas de polarização e intolerância, em que uma visão de mundo é aceita como via de mão única, criar obras que apresentam simultaneamente diferentes nuances da realidade é um passo importante em direção ao desenvolvimento de um diálogo mais crítico e questionador com o espectador, que o tira de uma posição de passividade.

Talvez o maior e mais importante ato recente de cocriação tenha começado no improvável mundo da ciência biomédica em 2020-2021 com a rápida resposta à COVID-19, o vírus que causou a maior pandemia global em mais de uma geração. Nunca antes tantos cientistas do mundo inteiro haviam se unido para combater um patógeno. Essa colaboração em massa exigiu um desvio radical do status quo científico. (CIZEK e URICCHIO, 2022, p. 3-4)

Ao falar sobre cocriação e sabedoria coletiva, Cizek e Uricchio trazem o resultado de um trabalho desempenhado ao longo de anos pelo *MIT Open Documentary Lab* - laboratório que reúne criadores, acadêmicos e especialistas em tecnologia para explorar novas formas de narrativas não-ficcionais - no que diz respeito às apropriações dos meios de comunicação e expressão feitas pelas pessoas para produzir sentido do tempo e do espaço em que vivem em um esforço conjunto com suas comunidades.

O livro *Collective Wisdom: Co-Creating Media for Equity and Justice* (CIZEK e URICCHIO, 2022) situa o momento no qual é escrito, no caos da pandemia, com descobertas sobre o vírus reveladas em tempo real, imbuídas de uma pressa marcada também por erros e interpretações equivocadas, gerando uma falta de confiança na ciência e nos meios de comunicação, em um cenário já corroído por desinformação e *fakenews*.

## PERMANÊNCIAS

Em dezembro de 2023, voltei para Miami e assisti à exibição da edição mais recente de *Pass the mic: we will tell our stories* (2023), com os filmes produzidos durante esse ano. Um dos documentários aborda a questão do imigrante ilegal. Grande parte da mão de obra em subempregos no estado é formada por latinos vivendo ilegalmente no país. Esse não é um desafio novo para diversas comunidades em busca de melhores condições de vida nos Estados Unidos, porém um pacote legislativo assinado em maio do mesmo ano aumentou as restrições para estrangeiros sem documentação.<sup>18</sup>

Assim como o projeto realizou filmes sobre problemas agravados pela pandemia em sua primeira edição, sua continuidade traz narrativas dentro de contextos de crises atuais intensificados por conjunturas políticas, econômicas e sociais. A cada ano, essas

---

<sup>18</sup> Mais informações estão disponíveis no seguinte link:  
<https://www.miamiherald.com/news/local/immigration/article275262456.html>

diferentes comunidades retratadas pelos documentários deparam-se com novas demandas e essas histórias trazem visibilidade para um contínuo processo de reivindicação de direitos.

Durante a exibição desses filmes, encontro cineastas das edições anteriores envolvidos em outros projetos subvencionados pelo *Oolite Arts*, em um processo de fortalecimento de laços entre organizações, realizadores e comunidade. Presencio, pela primeira vez, o que foi descrito em uma das entrevistas coletadas durante a pesquisa de campo, como um momento raro de celebração das vitórias de sujeitos ocupados em seu cotidiano com desafios de sobrevivência. Vejo pessoas conversando e demonstrando orgulho e felicidade ao compartilhar suas experiências. Por fim, noto que diferentes comunidades marginalizadas se encontram no evento e trocam conhecimento através da discussão dos trabalhos realizados.

Com essa vivência, percebo a necessidade da continuidade dessas *vozes ativas* para além dos filmes, em conversas e encontros presenciais. Essa consciência também é fruto da leitura de Sherry Turkle (2015) e seu estudo sobre a importância da retomada de conversas “olho no olho” como uma medida para combater a diminuição da capacidade empática na atualidade, fenômeno que ela associa ao aumento das relações mediadas por telas. Essa é uma compreensão essencial para o meu estudo, que parte de uma análise da *voz ativa* mediada por um documentário, ou seja, pela interface de telas, mas que entende a importância de uma reverberação da narrativa no espaço real.

Em um contexto mais amplo, agregando também os problemas enfrentados pela comunicação contemporânea para lidar com a desinformação, os discursos de ódio, a intolerância e a polarização, essa troca entre *vozes ativas*, para além de um contato virtual, em uma busca pela preservação de direitos e pela humanização de conflitos sociais, faz-se ainda mais necessária e apresenta-se como uma ferramenta narrativa e relacional fundamental para lidar com os diferentes desafios da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

BERNARDET, J. **Cineastas e Imagens do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BENTLEY, M. **Entrevista concedida a Anna Carl Lucchese**. Miami, 2 out. 2022.

---

BUTLER, J. **Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CASTELLS, M. **Rupture: The Crisis of Liberal Democracy**. Cambridge: Polity Press, 2019.

CHARLOT, V. **Entrevista concedida a Anna Carl Lucchese**. Miami, 14 dez. 2022.

CIZEK, K. e URICCHIO, W. (org.) **Collective Wisdom: co-creating media for equity and justice**. Cambridge: The MIT Press, 2022.

DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M. e SAFATLE, V. **Ética e Pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FUNCHS, C. **Communicating COVID-19: Everyday Life, Digital Capitalism, and Conspiracy Theories in Pandemic Times**. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2021.

GREEN, N. **Entrevista concedida a Anna Carl Lucchese**. Miami, 20 dez. 2022.

JENKINS, H.; PETERS-LAZARO, G. and SHRESTHOVA, S. (org.) **Popular Culture and the Civic Imagination: Case Studies of Creative Social Change**. New York: New York University Press, 2020.

MOURÃO, M. D. e LABAKI, A. (org.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PETERS-LAZARO, G. and SHRESTHOVA, S. (org.) **Practicing Futures: A Civic Imagination Action Handbook**. New York: Peter Lang, 2020.

RAMOS, F. V. P. **Mas afinal... o que é mesmo um documentário?** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008.

TURKLE, S. **Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age**. London: Penguin Press, 2015.